

A culpa de todos nós

*Infelizes daqueles que
caem numa rede de
saúde em que o paciente
é o que menos importa*

OLIVEIROS S. FERREIRA

O leitor deverá ter presente, ao ler este *Caderno Especial* sobre problemas da saúde, que a tragédia não é específica do Hospital das Clínicas ou do Estado de São Paulo. É do Brasil. Sendo do Brasil, mas se manifestando no Estado mais desenvolvido da Federação, é sintoma de que a situação exige mobilização urgente de médicos, doentes e sociedade em geral para que se resolva o problema, que, como disse um dos participantes, é de cidadania.

Na verdade, o que está acontecendo com a saúde no Brasil é o que já aconteceu com a educação pública: foi asfixiada de tal maneira que, quando estrebuchou, até os que estavam em volta ficaram aliviados porque se retirara de seu cotidiano uma preocupação a mais.

Essa é a culpa que todos nós carregamos: tendo pago nosso seguro de saúde (cuja prestação muitos não podem honrar porque a inflação corroeu tudo, até a sensibilidade do segurador, que é obrigado a olhar sua tabela atuarial e não a vida que se esvai), pouco nos preocupamos com o fato de os "outros" estarem morrendo ou sendo mal tratados. Quando se descobrem fraudes no serviço público de saúde, as famosas fraudes de hospitais contra o Inamps, não discutimos as causas, falamos mal dos acusados e não nos preocupamos com os que sofreram, sofrem ou morreram. Na verdade,

tornamo-nos insensíveis. Tornamo-nos meros servidores do deus Mamona, o dos fenícios e o da coíça.

Que é feito das Santas Casas de Misericórdia? Passaram todas a ser conveniadas do Inamps e deixaram de receber pelos serviços que prestaram. Sucede que no passado não era assim. Nas cidades em que havia as Misericórdias, os homens bem tinham como sua missão social (já que se fala tanto hoje em função social) cuidar bem dela, dotá-la dos aparelhos possíveis a fim de que a população, a pagante e a que não podia pagar, pudesse ser assistida pela *Misericórdia*, e eles, homens bem, pudessem receber o título de Provedor (que deveria significar o que na Bíblia significava a função de José, no Egito) e a consideração social de toda a cidade. Hoje, seguramente ainda haverá os Provedores no sentido anti-

go, dando do seu ou fazendo que a cidade ajude nas despesas de seu hospital. Na maioria dos casos, porém, o ser provedor se transformou num encargo a mais e a Santa Casa passou a depender do governo. Nós mesmos, cidadãos, passamos a esperar que o governo — *porco cane, plove governo ladrão* — cuidasse de tudo. Como ele não cuidou, mas nós estamos protegidos, os outros que sofram sem nos incomodar.

Esse o quadro triste e cultural. Há o quadro administrativo. A administração da saúde não cuida de ver se o sistema funciona; cuida, politicamente, de verificar se se

podem apresentar estatísticas de leitos ocupados. Se os cruzeiros REAIS (em caixa alta) gastos com saúde se aproximam dos números da Organização Mundial de Saúde. Alguns, preocupam-se em saber se os particulares estão fora do sistema. Ninguém se preocupa com o sistema — afora uns poucos abnegados como os professores que espontaneamente vieram ter ao **Estado** para tentar despertar a consciência do mundo para os problemas que afligem esse mesmo mundo. A saúde não é ideológica nem política. Na antiga União Soviética, são os trotskistas que o dizem, o sistema de saúde pública era tão ruim quanto o do nosso INPS.

O problema é de ver em cada qual, no outro, um ser humano que merece um pouco de compaixão — não dessa piedade comercial das feiras que se fazem todos os anos, mas a *compassio* dos latinos, o sofrer jun-

to, estando ausente.

A coragem desses professores deve ser louvada. Porque o monstro burocrático que está por detrás deles e que tem sua parcela de responsabilidade por esta situação de crise pode apanhá-los por infringir uma norma qualquer do Estatuto do Funcionário Público e querer puni-los. Na verdade, o que fizeram foi dizer que o rei está nu.

Se isso é crime, processe-se a Cidade, que ela já desnudou seus governantes e clama pela falta de caridade cristã com que se tratam os infelizes que caem numa rede de saúde em que o que menos conta é o paciente.

POUCO NOS
PREOCUPA A
MORTE DOS
'OUTROS'